

Se neste livro se não fiasse da guerra, imaginaria-mos facilmente que o júri do «Prémio Fémina» exumou um romance velho de trinta anos. Um romance do tempo em que o exotismo estava na moda, assim como a melancolia; desse tempo em que se lia Pierre Loti, em que o poeta Jean de la Ville Mirmont comparava a ilha de S. Luis a «um navio falhado, sem nunca ter partido, para as Antilhas»; desse tempo em que não queríamos conhecer do mundo senão o pitoresco.

Carolina e a partida para as ilhas é a história de uma adolescente que tem um sentimento absoluto da vida e que joga toda a sua vida num sonho. Esta exaltação, este desejo absoluto, esta renúncia de entendimento com a vida são outros tantos traços reais, comuns a muitos jovens. Mas todos os personagens do romance, salvo Carolina e a sua mãe, são personagens barrocos de uma irrealdade chocante, tirados dos velhos bazares romanescos. A atmosfera é artificialmente, insuportavelmente exótica. E, contudo, há lá história mais simples, mais humana? Aquele que, na sua sede de absoluto, a heroína do livro admira é um ser fraco e banal, submetido à autoridade materna e que sacrifica sem remorsos o seu amor à sua ambição. Uma tragédia como nós vemos todos os dias. Esta tragédia, o autor consegue torná-la incrível pela falta de verdade dos

Carolina e a partida para as ilhas,

de FÉLIX DE CHAZOURNES, trad. de JOSÉ MARINHO,

Lisboa, Editorial Inquérito, 1939.

seus personagens que não são de modo nenhum seres de carne e de sangue, mas caricaturas simbólicas.

Muitos romancistas cometem o erro de dar aos seus personagens a aparência extrema daquilo que eles são. Quantas vezes, por exemplo, eu tenho visto nos romances a caricatura do patrão «egoísta e duro». Na realidade, muitíssimas vezes, o mais brutal inimigo da alegria humana tem o aspecto de um homem vulgar, parecido a milhares de outros. Félix de Chasournes atinge também uma inverosimilhança gritante pela sua pintura excessiva de uma mãe autoritária e da sociedade extravagante que a rodeia.

Liberto de todas estas escórias, o romance melancólico de Félix de Chasournes não é absolutamente destituído de encanto. Mas o perigo desta espécie de livros está em oporem o sonho à realidade e em nos incitarem a preferir o sonho; está em que nos incitam

a sermos cobardes e a fugirmos diante da vida. O *Grand Meaulne*, que eu ameí como se ama um canto de flauta, como se ama um *lied* sentimental, fez à juventude um mal considerável, menos pela sua própria e directa influência do que pela exploração vergonhosa que dele se fez. Os pretensos discípulos de Alain Fournier proclamam que a única realidade é a realidade interior, que a única verdade é o nosso sonho. Serviram-se de Alain Fournier para nos enganarem e para nos adormecerem. Essa literatura é um verdadeiro ópio. (Talvez, —escreve Félix de Chasournes— a desgraça é indispensável para fazer suportar a existência...).

A literatura tem outras coisas para celebrar sem ser a melancolia, a desesperança e os sonhos vãos. A literatura, em vez de abaixar o homem, pode ao contrário exaltá-lo, celebrando o esforço criador e a alegria de viver. Esta alegria de viver, que outrora cantou Giono e que não pode voltar a cantar hoje com o mesmo acento, desde que se declarou partidário da submissão ao mal, e põe o seu talento ao serviço da morte, *Carolina e a partida para as ilhas*, este cântico melancólico e nostálgico, como parece ténue, insignificante, na dura sinfonia do mundo!

CLAUDE MORGAN

(Trad. e adapt. de R. S.)

Between Two Wars?

(Entre duas guerras? As lições da última guerra mundial estudadas em relação com os preparativos para a próxima).

PENGUIN SPECIAL. London 1939— por VIGILANTES (K. Zilliacus).

Em 1917, o governo britânico encontrou-se em presença dum estado de coisas que se definia, por um lado, por uma situação militar crítica, a lassitude e o descontentamento das massas e as propostas de Wilson, do Labour Party e da Rússia para uma

«paz sem vencedores nem vencedores»—e por outro lado, pela existência de tratados secretos, com a miragem em despojos territoriais tirados dos restos do Império Otomano e das possessões coloniais alemãs. Não se hesitou: pagou-se um largo tributo de palavras ao wilsonismo, fizeram-se todas as declarações solenes necessárias. Mobilizou-se a indústria e deu-se a intervenção pelas armas contra a revolução russa.

«Na alvorada da próxima guerra, conclue Zilliacus, a direcção inglesa é mais tradicionalista do que o era Lloyd George antes da última. E se ela surgir evoluir-se-á rapidamente para uma ditadura muito semelhante à dos regimes fascistas.»

CARLO TORRE

—A propósito do 150.º aniversário da Revolução Francesa, nota-se que à incompreensão da *Revue de Paris*, da *Revue des deux Mondes*, *Revue Universelle*, *Gringoire* e *Candide*, corresponde a compreensão científica de *Micro-mégas*, *Europe*, *Regards*, e *La Pensée*.

—*Courrier International, Economique et Financier* publica em todos os números uma escolhida colecção de informações rigorosamente objectivas que mostram as relações entre a vida económica e política. *Maison de la Technique*, 29, rue d'Anjou, Paris.

—Sobre o livro de Louis Saurer «*Hobespierre*», (ed. Nathan) escreve François Drujon: «apresenta duas qualidades: é uma agradável obra para a juventude e uma boa narrativa histórica».

—Uma brochura que se limita a estabelecer a cronologia dos factos que precederam e se seguiram imediatamente a Munique: «*La crise internationale de septembre 1938*» (*Cahiers d'Informations Françaises*, n.º 1, décembre 1938, Jouve et Cie, éditeurs). É um documento de primeira ordem.

—Um livro importante, sobre história contemporânea: «*Soumme-nous perdus?*» por André Corbeau. Presses modernes, Palais Royal, Paris.

—«*Ou en est Giono?*» é um estudo forte e documentado que Georges Sadoul publicou em Março último.

—A revista mensal de Paris, «*Les Volontaires*», anuncia para Outubro, um número especial sobre «a literatura social contemporânea».

—Henri Lefebvre publicou nos nos de Junho e Julho da mesma revista, o plano de conjunto dum trabalho cujas bases já tinham sido estabelecidas em «*La Conscience Mystifiée*» por ele e por N. Guterman (N. R. F., 1936). Deu-lhe o nome de «*Les temps des dupes*».

—«*La belle Tallien, ambassadrice de la finance internationale*» é o título duma emocionante obra de R. Mc Nair Wilson, que se desenrola à volta de Teresa Cabarrus. Mas o autor não a trata apenas como personagem financeira, descreve também a sua vida sentimental.

—Paul Boracres publicou uma excelente brochura, documentada e precisa sobre «*Le pétrole mexicain, un bien volé?*» (Les Edi. Internationales).

—Algumas opiniões sobre o romance *Manière de Blanc*, a que já nos referimos, da grande escritora Marta Arnaud:

«É preciso ler *Manière de Blanc* para se compreender um pouco melhor os negros e o livro de Marta Arnaud rico e nuancado, delicado e colorido, mostra-nos que estes homens desprezados têm muitas vezes qualidades que muitos brancos poderiam invejar-lhes.» (Chennevière)

«É um livro forte, corajoso e nítido», afirmou a escritora Edith Thomas;

«*Le Matin* disse: «Aproximar o nome de Pearl Buck do de Marta Arnaud, é o mesmo que dizer quanta estima merece o seu livro»;

Finalmente para Paulo Nizan é «um dos livros mais consideráveis que até hoje produziu a literatura colonial».

A tese deste livro é a seguinte: «a justiça social faz parte do preço da paz. Não se pode trabalhar eficazmente para uma se não se trabalhar também para a outra». Ora segundo o A. o estudo da política exterior da Inglaterra imediatamente após a guerra e no decorrer dos últimos anos revela que a preocupação essencial da classe que dirige o Império Britânico foi e continua a ser a salvaguarda dos interesses e posições adquiridas e por isso o considerar supérflua a justiça social.

Seria vão querer resumir um trabalho que vale pela precisão e a sobriedade e simultaneamente pela veemência da sua argumentação. Procuraremos pois dar apenas uma idéa sintetizando certas passagens.